

COMO APRESENTAR RAPOSÃO SEM CAIR NA TENTAÇÃO DESCRITIVA? REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM VERBETE DE DICIONÁRIO

Ana Teresa Peixinho

CLP – Universidade de Coimbra

1. PALAVRAS PRÉVIAS

O texto que agora se apresenta decorre de uma reflexão partilhada com o grupo de investigação que, no Centro de Literatura Portuguesa, se tem dedicado ao projeto Figuras da Ficção. De forma muito sumária, este projeto, coordenado por Carlos Reis, centra-se no estudo da personagem como categoria narrativa central e tem o propósito da construção de um *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Para tal, o grupo tem produzido, desde 2012, um conjunto de seminários, colóquios, reuniões de trabalho e artigos que permitiram consolidar conhecimentos e, sobretudo, chegar a certas conclusões teóricas e metodológicas, essenciais para delimitar critérios de seleção do *corpus* e sedimentar as bases do trabalho de construção dos verbetes.

Assim, pretende-se agora discutir o processo de construção do verbete sobre Teodorico Raposo, protagonista de *A Relíquia* de Eça de Queirós, tentando assinalar os problemas e dilemas da sua conceção, bem como as soluções preconizadas. Com o objetivo de inventariar um conjunto de questões, este artigo pretende contribuir, dentro das suas limitações, para o debate, pois, num projeto desta natureza – transdisciplinar e complexo –, a problematização e discussão

(que, aliás, têm vindo a ser feitas ao longo dos últimos quatro anos nos seminários do grupo) são essenciais na fase em que o projeto se encontra: a de elaboração das primeiras entradas do *Dicionário de Personagens*. Tanto assim é que, tratando-se de uma obra *online*¹, tem a suma vantagem de possibilitar novas versões, correções e aperfeiçoamentos, como um verdadeiro *work in progress*.

A reflexão que aqui se desenvolve assenta em três partes distintas, mas articuladas: começa-se pela descrição metodológica que envolveu a produção do verbete; em seguida, serão inventariadas as dificuldades e as dúvidas que surgiram no decurso do processo de concretização do texto sobre Teodorico; na última parte, serão aventadas algumas hipóteses de resposta para as dúvidas decorrentes deste trabalho, sendo que nenhuma delas é única ou consensual.

2. QUESTÕES DE METODOLOGIA

A primeira etapa de trabalho foi, como é natural, a releitura atenta de *A Relíquia*, obra que instiga, como grande romance que é, sempre novas interpretações e perceções distintas. Dado ainda não existir uma edição crítica desta obra, seguiu-se a fixação do texto de Helena Cidade Moura². Como exigível nestas circunstâncias, a leitura do romance foi feita de forma a recolher todos os elementos relevantes para a compreensão da construção do protagonista, Teodorico Raposo, tentando distinguir procedimentos retórico-narrativos que servem a sua figuração, modos de integração na ação narrativa, aspetos da sua dinâmica interna, propriedades significantes da sua composição. Contudo, logo nesta fase surgiu o primeiro obstáculo:

1 O dicionário terá uma primeira versão digital, online, embora o coordenador do projeto não afaste a hipótese de avançar, numa fase posterior, para a sua edição impressa.

2 No âmbito da edição crítica da Obra de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis e publicada pela INCM, ainda não foi contemplado o romance *A Relíquia*. Assim, segue-se a edição de Livros do Brasil, a partir da qual, doravante, serão feitas todas as citações.

manter o ritmo de leitura e anotações não é tarefa fácil devido ao humor desta história que convida, antes, a uma leitura de prazer e a uma fruição descontraída incompatíveis com rigorosos e ‘acadêmicos’ propósitos iniciais.

A segunda etapa consistiu na pesquisa de bibliografia passiva sobre o romance, a sua importância na história literária portuguesa, sobretudo na queirosiana, e sobre a personagem de Teodorico Raposo. Para esta fase, foi imprescindível o recurso à *Bibliografia Queirociana* de Guerra da Cal (1975) e, naturalmente, no que diz respeito aos artigos mais recentes, a pesquisa *online* e o *browsing* por livros de atas e revistas da especialidade. Muito se tem escrito sobre a obra em apreço, embora esteja longe de ser dos títulos de Eça o preferido pela exegese queirosiana. O estudo destes textos teóricos e críticos foi feito criteriosamente, tendo sido selecionados essencialmente aqueles que, de certa forma, poderiam contribuir para a construção de um perfil e para a compreensão global do protagonista. Deste modo, reduziu-se consideravelmente o volume de leituras, pois que a crítica não tem dedicado especial atenção às personagens d’*A Relíquia*, muito possivelmente devido ao interesse tardio pelo estudo da personagem. Apesar de tudo, no âmbito da exegese queirosiana, merecem referência dois textos que, embora separados por duas décadas, colocam particular ênfase nas personagens de *A Relíquia*, sobretudo no seu protagonista: a conferência de Guerra da Cal de 1971, “A Relíquia. Romance picaresco e Cervantesco”, e o artigo que Carlos Reis publicou em 1999, “Estratégia narrativa e representação ideológica n’*A Relíquia*”.

De facto, os Estudos Narrativos só há pouco mais de duas décadas recuperaram a personagem do limbo para onde fora remetida pelo Estruturalismo. Como bem assinala Carlos Reis (2015) na sua recente obra *Pessoas de Livro*, a narratologia de matriz estruturalista, que durante décadas pontuou nos estudos literários, despre-

zou o estudo da personagem, reduzindo-a a um conjunto de eixos funcionais que explicariam o funcionamento de certas narrativas. No entanto, a partir da década de 90 do século passado, assiste-se à “ressurreição” desta categoria narrativa, em parte fruto de uma vasta revisão conceptual, operada no quadro de Estudos Narrativos progressivamente mais abrangentes, interdisciplinares e atentos à evolução das narrativas contemporâneas.

Terminado o estudo dos textos críticos sobre *A Relíquia*, procedeu-se à organização das notas de leitura em função quer do guião³, distribuído pelo coordenador do projeto, quer do conhecimento sobre dominantes histórico-literárias da narrativa, chamando à colação um conjunto de conhecimentos sobre a produção queirosiana. Neste âmbito, salienta-se ainda a importância do texto produzido pela Doutora Ofélia Paiva Monteiro que, pela clarividência e lúcida sistematização, em muito contribuiu para clarificar e organizar a reflexão em torno da personagem de ficção⁴.

Com base nestas coordenadas e em função das abordagens teóricas ao conceito de personagem e de figuração⁵, tentou-se a produ-

3 Este documento de trabalho é fruto de aturado processo de reflexão e discussão acerca de conceitos, estratégias e dominantes que estão na base do ‘fazer personagem’. Trata-se de um guia essencial, construído pelo coordenador do Projeto, com vista a uniformizar procedimentos metodológicos e formais.

4 O texto de Ofélia Paiva Monteiro, “Parâmetros para a avaliação da personagem”, em parte inédito, encontra-se parcialmente publicado no blog do projeto: <https://figurasdaficcao.wordpress.com/2015/01/23/parametros-para-a-avaliacao-da-personagem/> [Consultado em 12 de janeiro de 2016].

5 O conceito de figuração é absolutamente essencial na construção deste e de outros verbetes do *Dicionário de Personagens*, tratando-se de um conceito devidamente maturado ao longo do projeto. Assumindo-se que “a noção de figura não deve ser encarada como mero substituto terminológico do conceito de personagem”, a figuração implica uma série de dispositivos de elaboração: “um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais interagem” (Reis, 2015: 122).

ção de uma síntese suficientemente elucidativa, completa, mas o mais depurada possível de testemunhos críticos outros. O que nem sempre se revelou tarefa simples, devido em parte à fatal tendência que, em Ciências Humanas, temos para nos citarmos à exaustão.

A quarta e última fase do trabalho, a mais espinhosa, foi a da escrita. Tratava-se de construir um texto breve – com limitação de caracteres – que deveria responder, em simultâneo, a duas condições: ser um texto muito claro, dado o género de publicação em causa; e apresentar um perfil de Teodorico Raposo suficientemente completo, esclarecedor, rigoroso e que idealmente trouxesse ‘algo de novo’ em relação a outros artigos congêneres⁶.

Esta foi decididamente a etapa mais morosa e complexa, pois a riqueza da personagem e da narrativa que protagoniza facilmente conduz à dispersão e à tentação de desenvolver aspetos que, embora relevantes, não têm lugar numa entrada de dicionário, idealmente expurgada de aspetos acessórios.

3. AS DIFICULDADES E AS DÚVIDAS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO VERBETE

Além das dificuldades pontuais descritas, o processo de elaboração deste verbete suscita uma reflexão mais ampla, traduzível em cinco questões. Embora tenham naturezas diversas, poderemos agrupá-las em dois conjuntos: as três primeiras situam-se num âmbito teórico-pragmático, incidindo sobretudo em opções metodológicas;

6 De referir a entrada do *Dicionário de Eça de Queiroz*, coordenado por Campos Matos. De facto, a leitura da entrada deste dicionário, relativa à personagem de que aqui se fala, restringe-se sumariar a história do romance, apontando algumas das características da personagem, através de um discurso muito impressivo (Matos, 1993: 809-810).

as duas restantes são de dimensão extensional⁷, no sentido narratológico do termo.

Como reduzir uma personagem complexa e densa como Teodorico Raposo a um conjunto de traços sumários, mas suficientemente elucidativos, de modo a que o leitor do verbete consiga ter uma ideia clara das potencialidades desta figura, quer dentro da narrativa que protagoniza, quer no âmbito da obra queirosiana? Esta é a grande dificuldade da elaboração de um verbete, que é necessariamente um exercício de síntese, parcial e parcelar: parcial porque é o resultado de uma leitura também pessoal acerca da personagem; parcelar porque deve assumir-se, perante a diversidade do romance e a duplicidade da figura em causa, que se prescinde do tratamento de certos aspetos, noutros contextos igualmente relevantes. No que ao primeiro ponto diz respeito, deve salientar-se a dimensão cognitiva do ‘fazer personagem’, aliás sobejamente desenvolvida pelos estudos narrativos mais recentes (Eder, 2010; Jannidis, 2009; Jeder, 2014).

Sendo o ato de leitura um ato cognitivo, diremos, com Teun van Dijk, que ele convoca um conjunto de conhecimentos prévios, muitos deles socialmente partilhados, que integram modelos e valores (Van Dijk, 2005). O mesmo é dizer que a leitura das personagens de ficção resulta não apenas das estratégias de construção e de composição agilizadas pelos narradores, mas também da enciclopédia e da experiência do leitor que, no ato de leitura, mobiliza esses saberes acumulados que ditarão a forma de interpretar e ler as personagens. Como explica Fotis Jannidis, na compreensão de personagens, os leitores tendem a recorrer sobretudo ao conhecimento de modelos reais que desencadeiam leituras inferenciais (Jannidis, 2009: 16).

7 Remete-se para a leitura do verbete do *Dicionário de Narratologia*, em que se explicam os termos intensionalidade e extensionalidade tal como importados para os Estudos Narrativos por Dolezel (Reis e Lopes, 2011: 204-205).

Partindo destes pressupostos, deve ter-se em consideração que a construção de uma entrada de dicionário sobre Teodorico Raposo será sempre afetada pelo modo como cada um de nós foi interiorizando a obra de Eça, como foi absorvendo a narrativa em questão, como foi sendo influenciado pela fortuna crítica da personagem e pelas suas transposições intermediáticas.

Assemelhou-se este exercício a uma ‘desconstrução’ da personagem, à sua redução a um conjunto de traços essenciais, capazes de a tornar decifrável, num registo acessível mas rigoroso e, sobretudo, capaz de a tornar legível como um todo. Esta dificuldade foi sentida com especial acuidade em virtude da complexidade compositiva e ideológica d’ *A Relíquia* – pelo menos bem mais complexa do que as obras mais realistas –, que anuncia, como tem sido demonstrado, a crise finissecular do sujeito, vivida de forma particularmente interessante e fértil por Eça de Queirós (Reis, 1999: 116-123).

A complexidade, numa narrativa como esta, advém essencialmente da construção do seu protagonista, cumulativamente narrador e personagem, cuja individualidade se “desdobra de vários modos que o perturbam”, para usar a feliz formulação de Óscar Lopes:

Ora se comporta como simples coevo inconsciente de Jesus, algo impressionado (mas não muito) pela injustiça da crucificação; ora, miraculosamente admitido ao recinto do Templo interdito a estrangeiros, se aturde com a truculência dos holocaustos judaicos, como em geral com todo o mostruário de baixas credices, com os festins e orgias; ora tem relances da consciência de estar em presença do seu Deus e Senhor” (Lopes, 1984: 95).

Teodorico é, de facto, uma personagem marcadamente dúplice – o que se reflete na simbólica do apelido Raposo – e toda a narrativa se constrói com base nessa característica. Porém, o sentido mais

fundo dessa duplicidade aparece mascarado pelo substrato alegórico e humorístico do romance, que induz também uma leitura dual: a um leitor menos atento ou mais ingénuo podem escapar as múltiplas significações da personagem que, numa camada superficial de leitura, é, sobretudo, uma figura humorística.

De facto, e entrando já na segunda problemática, o carácter burlesco das aventuras de Teodorico Raposo, nomeadamente o seu deslizamento para o campo da fantasia e para o domínio do onírico⁸, potencia aquilo a que aqui se chama “tentação pela descrição”, para quem tenta delinear um perfil desta figura. Multiplicam-se os exemplos, as cenas, os ditos e as ações, todos apetecíveis e expressivos, tornando a construção do verbete sobre Raposão uma permanente luta contra a tendência expositiva e descritiva. O mesmo é dizer: num dicionário de personagens, não deve perder-se de vista a finalidade dos textos – explicar a personagem como figura poliédrica –, substituindo-a por resumos mais ou menos vívidos das intrigas narrativas, por muito sedutoras que sejam.

Um terceiro problema, ainda de índole metodológica, prende-se com o doseamento de informações de índole teórico-literária. A história editorial de *A Relíquia*, os metatextos⁹ a que deu origem,

8 Como é sabido, Teodorico protagonizou aquele que ficou conhecido como “o sonho de Teodorico”, ocupando diegeticamente cerca de um terço da narrativa: “Em *A Relíquia*, cerca de um terço da história é constituído por uma inexplicada e “miraculosa visão” do protagonista-narrador, que no decurso a uma peregrinação à Terra Santa o transporta ao auge da paixão de Jesus da Nazaré, segundo uma versão laica ao gosto de E. Renan, numa descrição lenta e minuciosa que hoje parece um guião para um filme sobre Jesus, organizado por uma equipa de historiadores, arqueólogos, etnógrafos, com um excelente redator final ao seu serviço.” (Lopes, 1984: 85).

9 Referência à carta pública dirigida a Mariano Pina, publicada no jornal *O Repórter*, a respeito da fracassada ida do romance à Academia. É precisamente a este fracasso anunciado que Eça se refere, apontando claramente a ineptidão da Academia para compreender um texto de “humorismo e ironia”, “fantástico” bem ao estilo de Hoffmann (Queirós, 2009: 211-222).

as características do último Eça ou do seu processo de superação realista, foram problemáticas de que necessariamente se prescindiu, centrando a atenção na figuração do protagonista. Por outro lado, a leitura de Teodorico teve a preocupação de integrar um conjunto de aspetos que, quer direta quer indiretamente, espelham algumas das questões histórico-literárias e estéticas que envolvem a narrativa que protagoniza. Por exemplo, o facto de ser uma figura marcadamente dúplice, anunciando um desdobramento tipicamente finissecular que se efetivará com Fradique Mendes¹⁰; ou ainda a sua ligação à vertente de crítica de costumes do romance, que visava sobretudo opor dois universos sociais do país: a religiosidade exacerbada, caricaturada em D. Patrocínio, e o materialismo oportunista de Raposo, bacharel, burguês e oportunista.

Um quarto problema diz respeito à sobrevida da personagem, entendendo-se por este conceito “a vitalidade das personagens, potenciada por sucessivos atos de figuração” que, como explica Carlos Reis, é “indissociável de propósitos de ordem ética, moral e ideológica, beneficiários diretos da autonomização das ditas personagens, permitindo dilatar consideravelmente as virtualidades semântico-pragmáticas que elas encerram” (Reis, 2015: 36). Este é um fenómeno que, nas duas últimas décadas, com a multiplicação de formatos digitais e com o domínio do audiovisual, aumentou exponencialmente. Uma personagem, sobretudo quando faz parte de um *best-seller*, rapidamente migra para outras narrativas de consumo massificado: vídeo-jogos, cinema, séries televisivas, etc.

Ora, sendo *A Relíquia* uma das narrativas de Eça que maior número de adaptações teve, não pode dispensar-se as leituras sucessivas que realizadores, encenadores e artistas fizeram do protagonista. Contudo, dadas as restrições de espaço e a impossibilidade de acesso

10 Remete-se para o artigo Reis, 1999: 116-123.

à maioria desses produtos mediáticos – filmes, séries, romances gráficos e peças de teatro – essa abordagem, na proposta de verbete, ficou muito aquém do pretendido. No entanto, também se defende que, num texto dessa natureza, o essencial é dar conta do modo como a personagem em questão possui uma virtualidade desafiante que a torna apetecível a ser resgatada para outros contextos ficcionais que não o da narrativa de origem. No caso concreto de Raposo, realça-se o facto de ele ter sido recuperado pelo seriado *Os Maias*, da autoria de Maria Adelaide Amaral e produzido pela Rede Globo¹¹, sintoma de que se considerou esta personagem de *A Relíquia* suficientemente relevante e com potencial para migrar para um universo diegético outro, fruto da adaptação televisiva de um outro romance de Eça. Contudo, e recordando a peça de teatro *A Relíquia*, representada pela companhia Art?Imagem do Porto¹², no início do novo milénio, a que tivemos a oportunidade de assistir, é interessante verificar como o protagonismo foi claramente transferido para D. Patrocínio que, inclusive do ponto de vista cénico, ocupava, nessa representação, um lugar de destaque no palco.

Finalmente, o quinto e último problema: como conseguir, através da construção do verbete, apresentar a personagem de Teodorico Raposo como merecedora de integrar o leque de figuras, necessariamente criterioso, de um *Dicionário de Personagens*? A sua sobrevida, não no sentido de reaproveitamento transmediático mas no sentido

11 Veja-se Vicente, 2011.

12 «QUE RELÍQUIA!» é o título da segunda produção do Teatro Art?Imagem em 2000. Baseado em *A Relíquia*, de Eça de Queirós, o espetáculo tem adaptação dramaturgica e encenação de José Leitão, música original composta por Alfredo Teixeira e interpretação de Afonso Guerreiro, Cecília Fernandes, Marta Mateus, Paulo Ribeiro e Susana Barbosa.

A estreia está prevista para 13 de abril, no Cine-Teatro Garrett, da Póvoa de Varzim, onde «Que Relíquia!» ficará em cena até ao dia 16. Posteriormente, o Teatro Art?Imagem muda-se de armas e bagagens para o Teatro do Campo Alegre, no Porto (8 a 17 de maio). In: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=90&doc=8005&mid=2>

de fortuna cultural, deve ficar bem explícita e bem fundamentada. Por outras palavras, caberá aos autores dos verbetes demonstrarem que as figuras previamente selecionadas se compaginam com um conjunto de critérios canónicos que as tornam elegíveis. Porquê Teodorico? Que sentidos comporta a personagem que lhe conferem vitalidade, tornando-a não só relevante no romance oitocentista que protagoniza mas também e sobretudo na obra de Eça de Queirós e nas sucessivas leituras que dela têm sido feitas?

4. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Os dois últimos problemas discriminados – a questão da sobrevida da personagem e a fundamentação da sua integração no *corpus* do dicionário – são, muito possivelmente, extensíveis a todas as outras personagens a ser trabalhadas no *Dicionário* e parecem ser questões essenciais para as quais não haverá seguramente apenas uma solução. No que diz respeito à sobrevida da personagem, pensa-se que, em virtude da natureza online deste *Dicionário*, talvez fosse interessante, numa etapa posterior, quando o número de verbetes fosse já considerável, explorar as virtualidades do hipertexto, pelas quais, através de *links*, o leitor/usuário poderia aprofundar os diversos aproveitamentos transmediáticos destas figuras, inserir informações de relevância histórico-literária prescindíveis no texto do verbete, remeter para a leitura de fontes, etc. Desse modo, o texto da entrada ficaria, como se pretende, expurgado de referências, mas possibilitaria níveis diferenciados de profundidade de leitura.

Já a última questão me parece mais complexa. Se é certo que haverá por parte do coordenador da obra uma introdução, na qual se explicitem os critérios de seleção das figuras a tratar, cada entrada deve construir um perfil que, embora condensado, não pode ser redutor. Pelo contrário, deve procurar-se oferecer uma imagem de cada personagem que dialogue com os leitores do século XXI e lhes mos-

tre por que motivo ela continua viva, atual e merecedora de atenção. Este é, muito possivelmente, o exercício mais complexo de todo este processo. Se o conseguimos ou não com a entrada que produzimos sobre Teodorico Raposo, não nos cabe no momento avaliar.

Espera-se, assim, que este texto, ao dar testemunho de problemas e dilemas encontrados ao longo do processo de produção de uma entrada do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*, se constitua como ferramenta de trabalho ao alcance de outros investigadores. Com a perfeita noção de que muitas destas questões poderão merecer olhares e respostas alternativas, não se pretendeu aqui instituir uma receita única, inclusive porque cada personagem é um caso, mobilizando instrumentos de leitura diversos.

REFERÊNCIAS

- EDER, J. (2010). “Characters in Fictional Worlds An Introduction”. In: Eder, J. et al. *Characters in Fictional Worlds: Understanding Imaginary Beings in Literature, Film and Other Media*. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, pp. 3-64.
- GUERRA DA CAL, E. (1975). *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz, Apêndice. Bibliografia Queirociana e Iconografia Artística del Hombre y la Obra*. Tomo 1.º. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- GUERRA DA CAL, E. (1971). *A Relíquia. Romance picaresco e Cervantesco*. Lisboa: Edição Grémio Literário.
- JANNIDIS, F. (2009). “Character”. In: Janidis, F. et al. *Handbook of Narratology*. Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- JEDER, J. (2014). “Analizing characters: creation, interpretation and cultural critique”. In: *Revista de Estudos de Literários*, N.º4, Coimbra: CLP.
- LOPES, O. (1984). “A Relíquia”. In: *Álbum de Família*. Lisboa: Caminho, pp. 82-96.
- MATOS, A. C. (1993). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ª Edição, Lisboa: Caminho, pp. 809-810.

- QUEIRÓS, E. de (s/d). *A Relíquia*. Edição de Helena Cidade Moura. Lisboa: Livros do Brasil.
- REIS, C. (2015). *Pessoas de Livro. Estudos sobre a personagem*. Coimbra: IUC.
- REIS, C. & LOPES, A. C. (2011). *Dicionário de Narratologia*. 7.^a ed, Coimbra: Almedina.
- REIS, C. (1999). “Estratégia narrativa e representação ideológica n’ *A Relíquia*”. *Estudos Queirosianos*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 116-123.
- VAN DIJK, T. (2005). “Notícias e Conhecimento”. In: *Estudos de Jornalismo e Media*, Vol. II, N.º 2, pp. 13-29.
- VICENTE, K.B. (2011). “Eça de Queirós na televisão brasileira: para uma leitura da minissérie *Os Maias*”. In: *XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais “Diversidades e (Des)Igualdades”*. Salvador: Universidade Federal da Bahia http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305662909_ARQUIVO_EcadeQueirosnatelevisaobrasileira_conlab_.pdf (Consultado em maio de 2015).

ABSTRACT

The present text is the outcome of a presentation attained at a Conference on the Project Fiction Figures in the scope of the Portuguese Literature Centre and as a result of the challenge launched by Carlos Reis, the coordinator of the project. Carlos Reis has suggested the group of investigation to reflect on the entries’ construction process of the *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa* – Dictionary of Portuguese Fiction Characters – which is to be published in digital form soon. Thus, the construction process of the entry on Teodorico Raposo, protagonist of *A Relíquia*, is analysed in order to identify problems and dilemmas as well as to come up with solutions. This consideration is, therefore, embedded in the main point of the conference “Problemas e soluções decorrentes da elaboração de verbetes específicos e já distribuídos” – ‘Problems and solutions in consequence of the production of specific and already distributed entries.’

Keywords: Figurative procedures, Character, Entry, Methodology, Teodorico Raposo.

RESUMO

Este texto resulta de uma apresentação feita num Seminário do Projeto Figuras da Ficção, no âmbito do Centro de Literatura Portuguesa, resultando de um repto lançado pelo coordenador do projeto, Carlos Reis, que propôs ao grupo de investigação uma reflexão sobre o processo de construção dos verbetes do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*, a ser publicado em breve em versão digital. Assim, discute-se o processo de construção do verbete sobre Teodorico Raposo, protagonista de *A Relíquia*, tentando assinalar os problemas e dilemas que se nos depararam, bem como as soluções que preconizámos. Insere-se, portanto, esta reflexão no eixo temático desse colóquio “Problemas e soluções decorrentes da elaboração de verbetes específicos e já distribuídos”.

Palavras-chave: Figuração, Personagem, Verbetes, Metodologia, Teodorico Raposo.